

A FOTOGRAFIA SOCIAL DO FABIEN... DA CONDIÇÃO DE OPERÁRIO NA INDÚSTRIA À DE OGAN* NO CANDOMBLÉ*.

Consegui escapar da camisa de força social da minha invalidez terapêutica porque já praticava fotografia muito antes e durante minha trajetória profissional na **MOTOROLA** no **laboratório FOTORESIST MOS 20** em Toulouse.

Acho que tinha que ser o único a praticar **FOTOGRAFIA** na minha equipe sem dúvida quando foi sem saber o que me salvou de uma morte rápida.

Em nosso laboratório, quando comecei meu aprendizado, devia haver uma dúzia de operadores no laboratório quando comecei meu trabalho terceirizado na firma. E chegámos a pouco menos de 40 operadores e operadoras por equipa de trabalho nos últimos anos da minha atividade como colaborador.

Foi uma sorte para eu ter integrado **Mos 20** nos primeiros anos do início da produção desta área de atividade porque me permitiu ganhar de imediato em polivalência e compreender plenamente o funcionamento técnico do laboratório.

O **laboratório FOTORESIST** foi o laboratório mais importante em termos de mão de obra com o **Laboratório GRAVURA** em nossa área de produção.

O perfil das equipas de fim-de-semana era maioritariamente constituído por mulheres com filhos pequenos porque este trabalho de fim-de-semana (25 horas semanais) representava um salário adicional ao de um casal trabalhador. Assim, nos fins de semanas, o marido cuidava dos filhos enquanto a esposa trabalhava e, inversamente, durante a semana, a esposa cuidava da casa e dos filhos. Os homens da equipe eram, portanto, minoria em termos de responsabilidades. Ocupávamos principalmente cargos técnicos, **enquanto nossos chefes de equipe e técnicos de manutenção eram 99% homens.**

Dentro de cada Laboratório, houve uma distribuição da equipe por pólos de equipamentos.

Sem ter escolhido, quando entrei no meu posto de trabalho, fui designado para o **ALINHAMENTO**. Dispositivos digitais como circuitos eletrônicos em câmeras, telefones celulares, computadores e até mesmo eletrônicos de automóveis usam os mesmos processos constitutivos da fotografia, ou seja, **FOTOLITOGRAFIA**. E é aí também, esse posto de trabalho que me salvou na empresa!

Percebi imediatamente por que é que o **HRD** (Departamento de **Recursos Humanos**) que me recrutou optou por me atribuir esta função ao contrário de muitos dos meus colegas que chegaram aos seus cargos sem qualquer qualificação para a desempenhar. Com efeito, o trabalho de operador(a) e operador(a) técnico(a) na empresa não possuía na época nenhuma formação e cursos técnicos em ambiente escolar tanto este ambiente profissional era baseado em equipamentos industriais específicos, complexos e extremamente caros. Era, portanto, exigido apenas o fim de curso médio como o nível de estudos exigido para a contratação.

Com efeito, insisti durante a minha entrevista de recrutamento no facto de ter trabalhado na indústria hoteleira e na restauração durante 5 anos e que, portanto, estava habituado a trabalhar com ritmos de trabalho elevados. Trabalhando em pé durante as 10 horas da minha atividade diária e em turnos noturnos. Eu gostava de fazer este trabalho,

mas queria poder retomar um curso universitário e, nessa medida, o trabalho semanal em equipe no fim de semana me convinha perfeitamente na empresa.

Foi muito gratificante para eu ter trabalhado em **Equipamentos STEPPER Ultratech, Perkins, Nikon e Canon**.

E é uma chance de ter feito o alinhamento porque havia estações de trabalho como no **Laboratório de GRAVURA** por exemplo, onde os operadores estiveram em contato direto com ácidos e solventes.

Hoje, quais são as consequências para a saúde destas dezenas de operadores por terem trabalhado durante anos sob os efeitos tóxicos dos vapores destes produtos químicos?

Em nosso **laboratório FOTORESIST**, os operadores do **CONVAC** estavam em contato constante com as resinas. Compreendi de imediato o desafio da minha função, ou seja, ser o mais rápido possível competente, autônomo e eficiente para não ser deslocado para outro local e trabalhar num ambiente de risco para a saúde.

Claro que na nossa empresa havia um departamento de medicina do trabalho com um médico, enfermeiras e até assistente social (isso é obrigatório em uma empresa com mais de 500 funcionários).

Quanto a mim, a dificuldade do meu posto de trabalho baseava-se na necessidade de estar em movimento perpétuo em superfícies de 1 a 10 metros. Isso deve ter representado bem mais de 30 quilômetros após um turno de 12 horas e isso com horários tanto bem cedo pela manhã quanto à noite até a chegada da próxima equipe em horários definidos.

Mas cá entre nós, era a lei do silêncio, quem queria trabalhar tinha que aprender a ficar calado para não “queimar as asas” e entrar na “lista de pessoas perigosas para a empresa” para os chefes de equipe e o capataz.

Durante a minha aprendizagem, exerci posições mais estáticas como com binóculos, mas era uma posição que não me convinha porque para além de estar 12 horas sentado a fazer inspeção (**ADI** – Inspeção após de revelado) com auxílio de microscópios ultrassofisticados forçando na visão, tornou-se algo extremamente penoso nas últimas duas horas da equipe, quando estávamos no turno da noite para lutar contra o adormecimento.

Em 1996, quando iniciei o meu interino e no auge da atividade desta empresa, a **MOTOROLA Toulouse** chegava a ter 5000 colaboradores com os temporários de que fazia parte. Com efeito, antes de ser contratada e carregar o crachá dos empregados da casa, durante 2 anos fui subempreiteira da empresa.

É regra, durante 2 anos ininterruptos, estar presente no seu posto de trabalho nos horários definidos no contrato é a forma mais fácil de testar quem está em condições de querer trabalhar na empresa. Assim os "boca-grandes", os preguiçosos são rapidamente avistados e retirados do sistema antes da contratação. Além disso, a empresa se permite contratar ou desempregar um punhado de funcionários subempreiteiros de acordo com a lei do mercado e os aumentos e diminuições de atividade.

O final dos anos 90 coincidiu com o lançamento no mercado do **STAR TAC**, um dos carros-chefe da **MOTOROLA**, que viu a efervescência das áreas de produção denominadas **Wafer FAB** no mundo, área de atuação sujeita a normas extremamente restritivas de procedimentos específicos e ambientais de trabalho.

A área de atividade é produzida em “salas limpas” com um fluxo laminar no teto para purificar o ar e o ambiente contra partículas porque estamos no mundo do infinitamente minúsculo que está sujeito aos riscos de contaminação particular de seus produtos manufaturados.

Estávamos todos equipados na área de produção com toda uma gama de equipamentos de trabalho: balaclavas, trajes e sapatos especiais. Então tive a sorte de trabalhar em uma das **multinacionais americanas** que obteve os maiores lucros no **início do século XXI com a revolução tecnológica ligada à telefonia móvel**, é uma empresa que já existia **há mais de 90 anos no final dos anos 90 e que existia em Toulouse desde 1959**.

Foi nesse período completamente louco que a **MOTOROLA teve o projeto de colocar em órbita mais de 100 satélites com o projeto IRIDIUM*** para conquistar o **mercado de telefonia móvel por meio de sua cobertura da rede internacional de telecomunicações**.

Sou, portanto, um verdadeiro profissional da fotografia pois trabalhei durante 12 anos numa empresa de **Alta Tecnologia** com padrões exigentes que contribuíram para prejudicar a minha saúde e obrigaram-me a seguir um protocolo médico extremamente exigente para obter a minha invalidez e mantendo o benefício dos meus direitos do trabalho.

Usei o crachá **11390**, é um número que vai ficar marcado na minha memória!!! Ou seja, no momento da minha integração na empresa como colaborador, existiam antes da minha chegada 11390 pessoas que trabalhavam na empresa ou ainda nela trabalham.

Então tive a sorte de pertencer a **uma multinacional que chegou a ter 90.000 funcionários pelo o mundo**. Isso permitiu-me preservar os meus direitos e manter as minhas prestações sociais, porque se eu fosse artesão, não teria podido beneficiar do mesmo dispositivo médico que poderia beneficiar para me tratar. E é por isso que hoje quero que **minha fotografia ajude outras pessoas**.

Tendo exercido a fotografia em câmeras analógicas, tendo atuado no meio profissional sob as exigências de uma profissão altamente física e estressante do ponto de vista psíquico. Por exemplo, cada **equipamento NIKON 5X** tinha lentes para **ALINHAR** ao infinitamente minúsculo do preço de uma **aeronave AIRBUS***.

Os produtos confiados às nossas mãos e sob a nossa responsabilidade eram tão caros que o nosso trabalho era feito sob a "monitorização" de um **software industrial** para identificar o operador e a sua operação numa área de actividade de mais de 250 pessoas em tempo real da actividade e altamente codificados de cada produto. Portanto, é possível reverter um erro de manuseio de um operador após várias semanas de produção.

Minha invalidez profissional me levou a querer fazer da minha foto um objetivo prático porque não considero minha Fotografia como arte porque me recuso a tentar disfarçá-la com efeitos de camadas e outros processos de tratamento da imagem Digital com software de computador.

Hoje, qualifico minha **fotografia como Humanista** e em meu contato com a **Fundação Pierre Verger** e seu **Espaço Cultural** *por mais de 20 anos*, me considero o **fotógrafo NAÏF deste lugar**.

Minha fotografia é intuitiva por ter trabalhado por tanto tempo sob requisitos de conformidade de processos de fabricação extremamente rígidos e codificados. Procuro **hoje ao máximo libertar-me das exigências técnicas da fotografia** (ajustes supérfluos, flash, efeitos ou recortes...). Por um tempo, usei câmeras P&B descartáveis para não me sentir inseguro em perder meu aparelho fotográfico em locais com fortes tensões emocionais.

Também aprendi sobre a revelação em “câmara escura” muito antes de aprender sobre o trabalho em “sala limpa”.

O meu curso universitário voltado para **as Humanidades** animou por muitos anos a busca do meu **Objeto Fotográfico** rumo à **Sociologia** (como referência a minha formação universitária).

Também o meu trabalho inscreve o meu objecto fotográfico mais para fins utilitários do que artísticos, ou seja, **como história, memória, como momento no Tempo, ferramenta e suporte para a investigação científica em Sociologia**.

Por fim, a Fotografia permite-me delimitar um **“Espaço”** e identificar os limites do meu campo de pesquisa rumo a uma busca de sentido.